

À Professora Elaine Maria Tonini Bastianello, in memoriam

São Martins:

um cemitério periférico, (des)conhecido na cidade de Bagé, Rio Grande do Sul (cronologia e morfologia, características sociais e culturais)*

São Martins: a peripheral cemetery, (un)known in Bagé, Rio Grande do Sul (chronology and morphology, social and cultural traits)

RESUMO

Este artigo trata do Cemitério São Martins, situado na periferia, a norte da cidade de Bagé, Rio Grande do Sul. Propomos um modelo de quatro fases para compreender a cronologia de seus monumentos tumulares: 1) catacumbas de inspiração neoclássica com tratamento caiado; 2) sepulturas caiadas com fachada em forma de templo com frontão encimado por cruz; 3) jazigos-capela de influência art déco com proteção em cirex; e 4) gavetas e a sociedade de massas. Considerando que os espaços de enterramento refletem o mundo dos vivos, procuramos entender essa necrópole como local alternativo à necrópole central e de elite, o Cemitério da Santa Casa de Caridade. O Cemitério São Martins é o espaço em que as classes econômicas não abastadas enterravam seus mortos e, ao mesmo tempo, estabeleciam laços de identidade.

Palavras-Chave: Cemitério – Patrimônio – Memória – Jazigo-capela – Classes

ABSTRACT

This paper deals with the Cemetery of Sao Martins, placed in the northern suburb of Bagé city, in Rio Grande do Sul, Brazil. We propose a four-phase model to understand the chronology of this cemetery's monuments: 1. whitewashed catacombs, inspired by Neoclassical style; 2. whitewashed tombs, with temple-shaped façades and a cross on the pediment; 3. Art Deco-influenced mausoleum with "cirex" protection; and 4. above ground community mausoleums ("túmulos em gavetas") and mass society. Assuming that burial spaces reflect the world of the living, we propose to understand this necropolis as a place used by lower classes to bury their dead and to serve as a means to identify themselves, in opposition to the central cemetery (Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé), traditionally used by the elites.

Keywords: Cemetery – Heritage – Memory – Mausoleum – Popular Classes

* O texto sobre o Cemitério de São Martins foi elaborado em coautoria, sendo uma versão revisada e atualizada de comunicação oral apresentada no VIII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, em 2017, em Florianópolis. Contudo, a autora Elaine Maria Tonini Bastianello veio a falecer em dezembro de 2018, entre a submissão do texto e a revisão final. Esta foi realizada pelo segundo autor, Fábio Vergara Cerqueira, com a colaboração da Dra. Ivaine Tonini, professora Titular da Faculdade de Educação da UFRGS e irmã da autora, e por Renata Bastianello e João Eduardo Bastianello, filhos da autora, os quais realizaram consultas aos acervos pessoais de Elaine Tonini Bastianello e visita ao Cemitério São Martins em Bagé, para conferência de informações e produção de novos registros fotográficos.

** Doutor em Antropologia Social Universidade de São Paulo - USP. Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Pesquisador CNPq em Arqueologia. Professor do Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel. Bolsista Fundação Humboldt/Alemanha - modalidade Pesquisador Experiente - Arqueologia Clássica (2014-2017). CV: <http://lattes.cnpq.br/590172744406445>

*** Doutoranda e Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural, pelo Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMP). Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Graduada em História pela Universidade Federal de Santa Maria-UFSM. CV: <http://lattes.cnpq.br/3417784061269121>





Cemitério de São Martins (CSM),¹ situado na periferia da cidade de Bagé, no bairro de mesmo nome, a seis quilômetros do centro, foi até o presente objeto de pouca atenção entre pesquisadores, provocando invisibilidade daquilo que é particular a esta necrópole, assim como dos indivíduos e famílias cuja memória se conserva em seus túmulos (Mapa 1). Não obstante seja um cemitério municipal e trate-se do campo santo escolhido, ao longo de sua história, para a inumação de muitos bajeenses, prevalece significativa carência de registros históricos e documentais sobre ele.

Mapa 1 - Localização do Cemitério São Martins, Bagé, Rio Grande do Sul



Fonte: Google Maps (extraído em 14/01/2019)

Vinculado ao município, sua administração foi confiada há muito tempo à comunidade de São Martins, situada na periferia de Bagé, em região quase rural, que se desenvolveu no entorno da Capela São Martinho, inaugurada em 18 de novembro de 1920, conforme informação constante em placa junto à fachada do templo. Destaque-se que este templo já empregava um revestimento de argamassa raspada, que veio mais tarde a se tornar comum neste cemitério. No interior desta capela encontra-se uma escultura em madeira, de notável qualidade, representando o famoso episódio do manto, que marca a conversão de São Martins ao cristianismo, após a relatada aparição de Jesus em sonho, em razão de ter dado parte de

¹ Ao longo do texto usamos as formas abreviadas: Cemitério de São Martins = CSM; Cemitério da Santa Casa de

seu manto a um mendigo (Fig. 1).²

Figura 1 - Imagem de São Martins (Martinho de Tours) - Episódio da Conversão.



Fotografia: Ivaine Tonini, 2019.

A carência de documentação em papel exige do pesquisador dois procedimentos metodológicos: o recurso a fontes orais e a observação da materialidade, no que tange aos túmulos, considerando-se as tipologias e materiais empregados nas edificações e ornamentos, e no que se refere à organização do espaço funerário, levando-se em consideração a distribuição dos monumentos e organização da circulação interna. Esta observação da materialidade norteia-se pelo conceito de “cultura material funerária”, que

Não se trata [...] de considerar estes monumentos apenas do ponto de vista artístico, do valor individual da obra de arte, do artista, do estilo. Sem desconsiderar o valor técnico imprescindível destas informações, intrínsecas à tecnicidade do material, trata-se, outrossim, de compreender estes monumentos e seu espaço como uma configuração

² São Martins, conhecido como Martinho de Tours, nasceu na província romana da Panônia (atual Hungria), em 313 d.C., tendo recebido uma educação cristã, apesar de sua família seguir religiosidades tradicionais politeístas. Serviu no exército romano, até 337, quando, aos 24 anos de idade, converteu-se definitivamente ao cristianismo e abandonou as armas. Veio a se tornar bispo influente na Gália, na cidade de Tours, tendo desempenhado um papel decisivo na cristianização desta região, ao ponto de ter se tornado conhecido como “bispo da Gália”. Faleceu em 397. Por sua biografia, está relacionado à questão militar, o que pode ter contribuído para o desenvolvimento de sua devoção em Bagé, cidade marcada pelo militarismo em sua história.

material por meio da qual a sociedade se expressa, compondo assim o que denominamos 'cultura material funerária' (Cerqueira & Bastianello, 2012, p. 300-301).

A caracterização tipológica dos túmulos, bem como sua organização em conjuntos coerentes espalhados em setores distintos da necrópole, permite propor uma cronologia baseada na morfologia e nos materiais, em combinação com informações inscritas nas lápides (sobre datas de falecimento). A memória oral, por sua vez, possibilita o conhecimento de aspectos socioeconômicos atinentes a sepultados e familiares.

Para o desenvolvimento da pesquisa foi fundamental, dada a falta de registros escritos, o depoimento do Sr. Cedenir da Rocha Chaves,³ conhecido como Sabugo. Ele é o zelador que trabalha neste cemitério há mais de vinte anos. Entre outros dados relevantes, informou sua estimativa de aproximadamente trinta mil corpos enterrados. A princípio o número nos parece exagerado,⁴ mas não por isso se pode julgar como uma estimativa sem representatividade, enquanto testemunho oral. Considerando um século de uso, esta informação do zelador indica tratar-se de um cemitério que conserva um número elevadíssimo de despojos mortais de falecidos bajeenses, o que reforça a necessidade de atenção, em termos de pesquisa e preservação. Também transmitiu alguns aspectos sobre a evolução e transformação da área física, comentando que houve um deslocamento do cruzeiro, que antes estava instalado na parte antiga (baixa) do cemitério. Devido ao seu crescimento, foi preciso transferi-lo para a parte mais nova (mais alta).

No que se refere à observação geral de sua organização física, conforme indicado acima, o cemitério possui uma parte mais antiga, localizada abaixo e mais ao fundo, e uma mais nova, em posição mais alta e próxima à entrada, onde estão, por exemplo, as gavetas. Não se verifica um sistema quadriculado, com avenidas principais, com cruzamento perpendicular e vielas secundárias, como costuma ocorrer em cemitérios centrais e de elite, presentes em muitas cidades do Rio Grande do Sul, como no caso do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé (CSCCB), o Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas (atual Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula) ou o Cemitério das Irmandades, em Jaguarão, todos inaugurados na década de 1850. Há uma alameda principal que corta o espaço, conhecida como Sete de Setembro, e haveria duas vias paralelas, as quais dificilmente são discerníveis, pois os túmulos se distribuem de forma desordenada, não havendo vielas secundárias bem definidas para a circulação.

³ O testemunho oral do zelador do cemitério foi obtido em diferentes ocasiões, por meio de conversas com a autora E. Tonini Bastianello, em suas visitas ao local, entre os anos de 2013 e 2016. Na qualidade de zelador ali atuando há quase três décadas, sua memória oral constitui um testemunho central acerca de vários aspectos da trajetória desta necrópole.

⁴ Para dimensionar o quanto a estimativa do zelador pode ser exagerada, consta que no Cemitério de São João Batista do Rio de Janeiro estejam sepultados cerca de 65 mil corpos, em aproximadamente 25 mil túmulos. Fonte: "Cemitério de São João Batista (Rio de Janeiro)", Wikipédia. <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Cemitério_de_São_João_Batista_\(Rio_de_Janeiro\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cemitério_de_São_João_Batista_(Rio_de_Janeiro))>. Acesso em 13/01/2019. Segundo outra fonte, o cemitério carioca conta com mais de 40 mil jazigos e 300 mausoléus. Fonte: Cemitérios do Rio. <<https://cemiteriosdorio.com.br/index.php/cidades/rio-de-janeiro/cemiterio-sao-joao-batista/itemlist/tag/Sao%20Joao%20Batista>> Acesso em 13/01/2019). Ainda que exista divergência entre os números das diferentes fontes, é possível ter uma ideia sobre o quanto a estimativa de 30 mil sepultos, para um cemitério com pouco mais de um século de atividade, localizado na periferia de Bagé, parece inverossímil.

O aspecto atual proporciona, à distância, na visão dos autores, uma vista alegre, seja no contraste entre o branco predominante dos monumentos caiados e as cores do cirex⁵ pigmentado ou de pinturas recentes, seja na cadência da distribuição desordenada, seguindo a ondulação do relevo local (Fig. 2).

Figura 2 - Vista do Cemitério de São Martins



Fotografia: Bastianello, 2017

É também por meio das informações reveladas pela materialidade que podemos fazer inferências relativas à cronologia. De acordo com as lápides, constatamos que os sepulcros mais antigos remontam ao início do século XX, portanto em torno de cinco décadas após os primeiros monumentos funerários do CSCCB.

O cotejamento entre as características destas duas necrópoles de Bagé, o CSM e o CSCCB, consiste em outro viés relevante de análise. O primeiro é periférico e o segundo central, de modo que interpretar as diferenças entre estas cidades dos mortos enseja pensar as diferenças das cidades dos vivos. O CSM, em que estão enterrados indivíduos pertencentes a famílias com menos posses, apresenta um contraponto socioeconômico com relação ao CSCCB, localizado mais próximo da área urbana e que concentra, sobretudo na chamada Primeira Divisão,⁶ os túmulos identificados com os setores mais proeminentes das elites locais, de modo que observar um e outro permite uma verificação de contrastes sociais do passado.

⁵ Tipo de revestimento de fachada, explicado mais abaixo em seus aspectos técnicos e compositivos.

⁶ A "Primeira Divisão" do CSCCB é a sua "parte mais antiga. Os túmulos com edificações mais luxuosas se concentram no entorno deste local. A beleza e a ostentação das suas esculturas, ricamente ornamentadas, evidenciam a forma como a parte abastada da sociedade bajeense, do século XIX e início do século XX, se relacionava com a morte. A Primeira Divisão constitui um patrimônio material, e caminhar por suas vielas é deparar-se com vários estilos: neoclássico, neo-gótico, eclético, art nouveau e art déco. Este local é o coração desta necrópole, nele pulsam décadas de memórias" (Bastianello, 2010, p. 18). A primeira divisão obedece a um traçado quadriculado, formado por quatro quadrantes, delimitados por duas alamedas centrais (eixos), equivalentes aos *cardus maximus* (norte-sul) e *decumanus maximus* (leste-oeste) que cortavam o planejamento reticulado da cidade romana. A principal destas alamedas, o *cardus maximus* da Primeira Divisão, conduz da entrada monumental à capela mortuária. O terreno composto por estes quatro quadrantes encontra-se delimitado por paredes, que o amuralham qual uma cidade clássica. Estas paredes recebem túmulos em gavetas, datados ainda do final do século XIX, nos quais estariam sepultados integrantes das elites locais pertencentes a famílias de posses mais moderadas, propriamente setores médios mais elevados. A exceção é o muro ao fundo, em cujo centro se localiza a capela: junto a ele foram instalados os primeiros jazidos, quando da inauguração do cemitério em 1858, para onde foram trasladados túmulos de necrópoles anteriores, pertencentes a famílias às mais destacadas.

O menor cuidado com as instalações e estrutura física no caso de São Martins reflete o trato menos atento conferido, historicamente, aos setores menos favorecidos, pelas administrações municipais, mais ocupadas com os interesses elitários, ao longo de décadas. De outro lado, o pouco interesse por este cemitério, por parte de pesquisadores acabou por reforçar a invisibilidade histórica destes sujeitos e suas famílias, que não ocupam os postos de liderança econômica e política na cidade. Contudo, os pequenos cuidados verificados nos túmulos e a sutil beleza das opções arquitetônicas, ainda que de um modo que se possa eventualmente julgar como materialmente mais limitado, apontam para a afirmação de autoestima destes grupos menos aquinhoados da sociedade, que, ao mesmo tempo, expressam uma identidade social de conjunto, de grupos médios humildes ou os chamados "remediados".⁷ É assim que, opondo-se à suntuosidade dos túmulos da Primeira Divisão do CSCCB, suas sepulturas não deixam de manifestar o que pode ser considerado como belo, expresso de forma mais singela e talvez mais homogênea.

São Martins: um cemitério sem muros

Aconteceu, no mundo inteiro, um fenômeno curioso bem no meado dos Oitocentos. Por medida sanitária os sepultamentos deixaram de ser no chão e nos pátios das igrejas e passaram a realizar-se em área aberta, nos chamados campos-santos ou cemitérios secularizados (Valladares, 1972, p. 279).

Na cidade de Bagé, a transferência dos sepultamentos das igrejas para fora dos limites das cidades não ocorreu de modo diferente das tendências da época, pois, tanto na cidade quanto na periferia, a partir da metade do século XIX, os cemitérios foram instalados em áreas abertas, longe das igrejas e da área urbana, para sepultamento de seus mortos.

Examinando a singularidade dos espaços funerários, percebemos que o território dos mortos apresenta em suas edificações formas distintas de homenagear seus falecidos, apresentando simbologia e disposição espacial diferenciadas, conferindo a estes espaços póstumos valor cultural próprio, merecedores da atenção do pesquisador. Estas separações e diferenças existentes nos cemitérios (ou na comparação entre diferentes cemitérios de uma mesma localidade), assim como acontece no mundo dos vivos, estão articuladas a questões de ordem social, religiosa, econômica ou étnico-racial, dependendo da cultura e história de cada município, estado, país ou continente em que estejam inseridos. Cabe aqui observar e interpretar as singularidades desta necrópole da periferia urbana de Bagé.

O CSM não possui muros no seu entorno nem foi planejado em quadras. Sua circulação é de certa forma dificultosa, pois um espaço aparentemente menos ordenado substituiu o traçado quadriculado das alamedas e vielas, que se tornara modelo para os novos cemitérios criados a partir da década de 1850, nas cidades do Rio Grande do Sul que tiveram importante

⁷ Termo consagrado no Brasil para se referir a grupos populares menos favorecidos, com acesso a alguns bens ou com meios suficientes de subsistência.

desenvolvimento urbano na segunda metade do século XIX,⁸ na mesma medida em que o quadriculado do arruamento avançava, com a adoção de padrões neoclássicos de urbanismo e arquitetura, como se pode verificar nas cidades da fronteira meridional (Santos, 2007). O modelo de espaço funerário baseado no arruamento quadriculado tornou-se representativo dos espaços funerários das elites e setores médios elevados, diferentemente do que ocorre no CSM. Tal quadro não significa que neste cemitério não houvesse cuidados individualizados com cada monumento. Os túmulos, por exemplo, apresentam a nomeação do inumado, garantindo a sua identidade para a posteridade. Em muitos jazigos-capela, o primeiro sepultado, o patriarca, está identificado por suas iniciais.

A cultura material revela, contudo, as diferenças sociais. Nesse campo santo não há sequer uma escultura em mármore que espetacularize a memória do enterrado, como no CSCCB, localizado na parte Sul da Cidade. Em todo o cemitério há uma única imagem de maiores proporções, de cimento, representando uma alegoria com uma coroa de folhas na mão. Tampouco possui um belo portão na sua entrada principal. Pelo contrário, sua entrada é balizada por uma rústica porteira de trama. A simplicidade, presente nos túmulos e no conjunto do espaço funerário deste cemitério, expressa o perfil socioeconômico das famílias que o escolhiam para seus familiares falecidos. Mas há, também, uma homogeneidade geral, antípoda da individualização dos túmulos do CSCCB, nos quais cada família se esmera em fazer um túmulo passível de ser considerado mais belo que o outro, como expressão de riqueza, distinção e cultura. Esta homogeneidade presente no CSM, sem dúvida, estimula o pesquisador a compreender os simbolismos culturais e significados sociais presentes neste cemitério.

De modo geral, constata-se que o Cemitério de São Martins recebeu ao longo do tempo menos investimento material em comparação com o outro cemitério, talvez pelo fato de que, em sendo municipal e destinado a setores menos favorecidos da sociedade, seria considerado que não teria necessidade de uma estrutura melhor, refletindo uma falta de compromisso político das administrações municipais com os setores sociais mais desprovidos de recursos. Uma evidência deste aspecto é a falta de pavimentação nas vias de circulação interna, o que acarreta prejuízos, inclusive aos funerários.

O zelador, Sr. Cedenir da Rocha Alves, relatou que, em função da falta de pavimentação e por ser o terreno em aclave, o cortejo com o caixão obrigatoriamente dá uma parada para descanso no cruzeiro e dali segue, sendo carregado o esquife até o local de inumação, obstaculizando o uso de carrinhos para deslocar o corpo do inumado.

Em novembro de 2013, a autora Elaine Tonini Bastianello presenciou um enterramento nesse campo santo e ficou extremamente consternada com a falta de estrutura para realizar o sepultamento. Por não ser pavimentado, esse cemitério não possui carrinho para o traslado da capela mortuária até o túmulo. Assim, observou a necessidade de descanso ao longo do

⁸ Em 1852, na capital do Império, foi inaugurado o Cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro, provido de alamedas e plano reticulado. Em Porto Alegre, o Cemitério da Santa Casa de Misericórdia, inaugurado dois anos antes, orientava-se igualmente pelo plano quadriculado cortado por eixos ortogonais. Na região da Fronteira Sul, outros cemitérios inaugurados na década de 1850 seguiram o mesmo padrão: em Pelotas, em 1855, o Cemitério da Santa Casa de Misericórdia; em Bagé, em 1858, o Cemitério da Santa Casa de Caridade; em Jaguarão, no mesmo ano, o Cemitério das Irmandades. Em Rio Grande, o terreno extramuros do Cemitério Católico começou a ser usado em 1855, em razão do avanço da epidemia de cólera, mas foi finalizado somente em 1861 e inaugurado em 1863, cedido à Santa Casa.

percurso, visto que o caixão é levado na mão. Recorre-se ao improviso. Nesse caso, o caixão foi colocado em cima de uma pilha de tijolos e, pouco adiante, numa tentativa de amenizar o cansaço, foi transportado por um carrinho de mão que, devido ao aclave do terreno, tornava a cena cinematográfica.

Conforme relato do administrador, a alameda principal desse cemitério é denominada Avenida Sete de Setembro, por desembocar na principal avenida da cidade, a "Sete". Na percepção do Sr. Cedenir, sua denominação evidencia a ideia de tratar-se de um prolongamento da mesma, de modo que, tal como na cidade, a avenida Sete do cemitério seria ladeada pelas avenidas Marechal Floriano e General Osório. Neste relato está implícita a noção de que a cidade dos mortos encontra seu fim nas ruas principais da cidade dos vivos, como se o lugar dos mortos prolongasse o lugar dos vivos.

A alameda Sete, apesar do padrão mais simples se comparado ao CSCCB, surpreende em sua arquitetura. De cada lado, vemos uma sequência de jazigos-capela, que compõem um conjunto coerente. Esta característica de unidade arquitetônica em fita é singular, pois como conjunto não se verifica nos demais cemitérios de Bagé (Fig. 03). Seguindo a mesma morfologia, em que se constatam as linhas do art déco, têm em comum ainda o revestimento de fachada com "cirex", uma massa raspada com mica, cujo uso remonta aos anos 1930-1960, cujas variações recebem outras denominações, como "cimento penteado", "pedra fingida" ou "simili-granito".

Segundo o arquiteto José Eduardo Lucena Tinoco, o "cirex" é um tipo de revestimento arquitetônico também conhecido como "argamassa raspada" (Tinoco, 2013). Segundo a arquiteta Débora Magalhães da Costa, consiste em "uma massa que funciona como reboco, mas é mais fina e tem em sua composição a mica, mineral que confere brilho semelhante ao da superfície de uma pedra" (Fortunato, 2011). Dada a importância da mica em sua composição, os prédios com este revestimento foram conhecidos também como "arquitetura da mica", marcando uma época em que as tendências arquitetônicas dominantes sofriam forte influência do art déco, marcadamente nas décadas de 1930 e 1940,⁹ porém com certo descompasso conforme a região, verificando-se algum retardo, por exemplo, em Bagé e outras cidades de pequeno e médio do Rio Grande do Sul, em que continuou a ter expressividade nos anos 1950, como o caso de São Lourenço do Sul (Luckow, 2010). Ainda quanto ao cirex, importante ressaltar que, em alguns casos, acrescia-se pigmentação à argamassa raspada, resultando numa fachada de coloração rosa ou verde, como se pode verificar em jazigos-capela de São Martins.

⁹ Termo empregado para soluções arquitetônicas que começam a ser aplicadas na década de 1910 em Paris. No que se refere ao Brasil, para Telma de Barros Correia, o termo art déco define "uma determinada tendência de arquitetura que se difunde no país entre a década de 1930 e meados dos anos 1950" (Correia, 2008, p. 49). Para a autora, "nada marcou mais o cenário arquitetônico das cidades brasileiras entre as décadas de 1930 e 1940 que a arquitetura de tendências art déco, que se mostrou capaz de colocar-se como expressão de modernidade, posição que seria ocupada na década seguinte pela arquitetura moderna. Em construções novas ou em fachadas reformadas, a linguagem déco foi, durante aquelas duas décadas, a expressão de renovação da arquitetura de maior alcance junto a diferentes segmentos da população. A justificativa, mobilizada em 1932, para a escolha do estilo para uma biblioteca municipal no Rio de Janeiro, em substituição a um projeto anterior de viés eclético, evidencia tal capacidade desempenhada, na ocasião, pelo Art déco, de traduzir modernidade arquitetônica e progressismo administrativo" (Correia, 2008, p. 52).

Figura 3 - Parte da avenida de jazigos-capela, iniciando no alto, onde se encontra o cruzeiro



Fotografia: Bastianello, 2014

A forma de arquitetura funerária do jazigo-capela consistiu em uma permanência na mudança.¹⁰ Interditado o enterramento em espaço fechado e eclesiástico no Brasil, os túmulos instalaram-se então, em meados do séc. XIX, no espaço aberto, em que foi progressivamente limitada a interferência da Igreja (Bastianello, 2010). No entanto, a tipologia do jazigo-capela veio a permitir reatar a vinculação simbólica com o espaço eclesiástico dos enterramentos de outrora. Por meio dos jazigos-capela, as famílias edificam assim suas pequenas igrejas para o enterramento de seus familiares. Fernando Catroga (2002, p. 18) afirma que o jazigo-capela, como “habitação do morto, (...) se tenha arquitetonicamente materializado não só como sucessora e sucedânea do ‘teto eclesiástico’ (...), mas também como ‘casa da família’ (dos pais, dos avós)”. Entende-se que o teto eclesiástico mencionado por F. Catroga nada mais seja do que um ato de fé, materializado em forma de capela. A edificação desses jazigos-capela, no São Martins, significa o comprometimento e, ao mesmo tempo, a necessidade de levar

¹⁰ Para saber mais sobre os jazigos-capela, ver Bastianello (2016).

ao espaço funerário a sua devoção católica, ainda que se tratando de um espaço público municipal, supostamente laico. É a religiosidade do povo dessa cidade ganhando visibilidade nesse recinto.

A observação geral dos túmulos de São Martins, diferentemente da Primeira Divisão do CSCCB, indica um padrão de simplicidade nesse espaço de sepultamento, típica do uso de arquitetura mais popular, reforçando que ali estão enterradas as classes menos favorecidas dessa cidade. Corroborando essa percepção, constata-se que em São Martins não foi construído um jazigo sequer em mármore enaltecido por grades em ferro fundido.¹¹ Isto não significa que suas opções não acompanhassem aspectos da arquitetura formal da cidade dos vivos de seu tempo, com soluções mais econômicas em elementos decorativos e com o uso de materiais então considerados modernos, como o revestimento em cirex. Este conjunto de jazigos-capela com "argamassa raspada", localizados na alameda central, a "Sete", evidencia que algumas famílias, entre os grupos populares que enterram seus familiares no CSM, possuem mais recursos que outras, integrando provavelmente uma parcela de uma classe média urbana com condições mais estáveis.

O depoimento Sr. Cedenir da Rocha Chaves esclarece as condições para contar com um túmulo neste cemitério:

para ser enterrado ali, é necessário que a família do morto já tenha adquirido um terreno junto à prefeitura de Bagé. Sendo dono de um terreninho, se manda fazer o túmulo, e não existe nenhuma taxa adicional de manutenção ou contribuição. Só se enterra se tiver o espaço comprado.¹²

Com base na observação, registro, exploração e interrogação da "cultura material funerária" conservada em São Martins, buscamos entender a evolução cronológica da morfologia arquitetônica. É necessário salientar que essas datas não são exatas, podendo haver certa oscilação, quanto à delimitação de seus marcos temporais iniciais e finais. Conforme os dados encontrados, foi possível periodizar a evolução morfológica dos sepulcros em quatro fases.

A primeira fase: catacumbas de inspiração neoclássica com tratamento caído

Corresponde aos anos de 1900 a 1930. Data deste contexto os primeiros enterramentos, que apontam os indícios, nos anos iniciais em cova rasa, com poucas ainda identificáveis pela cruz em metal fincada no solo, opção que rapidamente cedeu lugar a monumentos erguidos do chão, alguns com lápides que asseguram a memória da individualidade do sepultado. O tratamento do morto em um túmulo em cova rasa acarretava sua privação da posteridade,

¹¹ Para M. E. Borges (2002, p. 215), "as grades, colocadas em torno do túmulo e do jazigo-capela, são a maneira encontrada para resguardar o espaço individual, além de protegê-lo contra invasores. Havia também uma intenção eminentemente decorativa".

¹² Em decorrência do falecimento de Elaine no meio do processo de revisão do texto, não foi possível ao segundo autor localizar os dados referentes à tomada das entrevistas.

prendia-o a um anonimato, talvez adequado aos subalternos da sociedade. Mas, por meio de catacumbas erguidas do chão (que mais tarde vieram a ser substituídas por jazigos-capela), rejeitam esta condição e reivindicam não somente sua individualidade, como também visibilidade, como bem analisa Antônio Motta, quanto ao comportamento das camadas mais humildes em relação a seus sepultamentos:

É compreensível que desejassem ter na morte o que lhes faltara em vida e, por isso, buscassem romper com o anonimato das formas de enterramentos a que se viam submetidas quando depois de mortas. Por isso, reivindicavam para si, ainda em vida, o direito à individualidade do corpo, através da conservação dos restos mortais em túmulo individual. (Motta, 2009, p. 75)

Assim, a sepultura individual cumpria a sua função de proporcionar ao corpo morto uma identificação póstuma, com a inscrição do nome, data de nascimento e de morte. Enfim, tratava-se de algum dado que proporcionasse a sua rememoração por parte de seus parentes vivos e de seu círculo de amizades.

A primeira fase da arquitetura funerária de São Martins se concentrou, conforme os vestígios conservados, na parte mais baixa, ao fundo do terreno, onde seria o final do cemitério, área em que se encontram as lápides com as datas mais recuadas de falecimento, do começo do século passado, indicando que a fundação do CSM remonta ao início dos 1900, informação que até o momento não localizamos em registros documentais escritos. Muito embora sejam monumentos de arquitetura mais simples que aqueles verificados no CSCCB, o cuidado nas escolhas e o acabamento anunciam influências neoclássicas comuns ao período. Trata-se de túmulos erguidos do chão, a maioria com pouca verticalidade, em forma de catacumbas, ornados com colunas ou colunatas estilizadas adossadas à fachada, com cimalha, e com frequência frontão em forma de arco, acompanhando a forma de arco das gavetas destas catacumbas, cujo número aumenta conforme a altura do monumento (Fig. 4). Quanto ao aspecto material, uma marca recorrente é a fachada caiada como tratamento de superfície.

Figura 4 - Túmulo caiado, da família Oliveira, datado de 1925



Fotografia: Cerqueira, 2017

Uma característica frequente, combinada a estas sepulturas, são as lápides em mármore trabalhadas com a gravação em risca de pedra, acompanhando tendências de cemitérios da mesma época. Sobre essa técnica, Maria Elízia Borges (2002, p. 210) assevera que o método:

realizado pelos riscadores de pedra em uma superfície limita-se ao simples desenho praticado com material cortante incisivo sobre a superfície plana da pedra polida, tal como se desenhasse em papel. Os efeitos de claro-escuro resultam de áreas polidas em contrastes com outras picotadas.

A segunda fase: sepulturas caiadas com fachada em forma de templo com frontão encimado por cruz

Corresponde a um período de transição, que seria aproximadamente entre 1930 e 1950. Nesse período intermediário, a estrutura do frontão evolui para a forma triangular (Fig. 5 e Fig.

6), de orientação mais neoclássica, porém com tendências mais protomodernas no conjunto, sendo mais simplificado e retilíneo.¹³ Guarda características de neoclássico, antevendo, porém, em sua forma de templo, os jazigos-capela em art déco que advirão na fase seguinte.

Nessa fase, percebe-se que o túmulo apresenta o mesmo fundamento da sepultura anterior. No entanto, a ele é acrescida maior verticalização da estrutura, finalizada com um frontão em forma de tímpano, que remete ao templo clássico, característica reforçada pela incorporação de colunas nas laterais, verificadas em alguns monumentos (Fig. 6).

Figura 5 - Túmulos em jazigo-capela



Fotografia: Bastianello, 2014

¹³ Alguns autores brasileiros adotam a denominação “protomoderna” para se referir a uma variante do art déco com caráter transicional, que comunga de aspectos clássicos e modernos, características que, contudo, não necessariamente antecederam o moderno no país, mas formaram uma forma paralela durante algumas décadas. O uso do termo é criticado por autores que o dispensam, entendendo que estas formas estão contempladas no termo mais geral de art déco (Correia, 2008, p. 48-49).

Figura 6 - Túmulo vertical, da família Fernandes



Fotografia: Bastianello, 2017

Nessa etapa, deparamos com uma diversidade de cruzeiros¹⁴, feitas majoritariamente de ferro, colocadas no topo das sepulturas, anunciando-se o componente cristão que se acentuará na fase seguinte.

Nessa mesma época, no CSCCB, em sua parte mais antiga, permanecia o emprego do mármore, que, aos poucos, vinha sendo substituído por uma nova combinação de materiais: monumentos em granito combinados ao bronze. Sobre esse assunto, Bastianello (2010, p. 152) comenta que:

a partir de 1930 e 1940, na maioria dos cemitérios brasileiros, a sepultura, antes branca, marmórea, muda sua estrutura física se tornando mais sólida, pesada e escura através do emprego do granito. Devido à rigidez deste material, seu manuseio simplifica a edificação tumular, tornando-a mais reta, com mais durabilidade em relação ao mármore, o qual, devido a sua "maciez", muitas vezes encaneca ou até mesmo dilata.

¹⁴ Para M. E. Borges (2002, p. 299), "a cruz latina simboliza a paixão de Cristo. [...] muito usada em todos os tipos de túmulos, é atributo de inúmeros santos como Santa Helena, Santa Úrsula, São Jorge, São João Batista".

Já no CSM, voltado a setores não elitários, em vez da entrada do bronze e do granito, tem-se o predomínio de túmulos de alvenaria com revestimento que aos poucos, no final deste período, passa do caiado ao cirex. A adoção do cirex, em túmulos datados do final da década de 1940, sinaliza para o advento de uma nova fase na tipologia tumular, com a introdução progressiva do jazigo-capela. Vale observar que, neste realinhamento arquitetônico, o componente mais laico insinuado pelo legado neoclássico cede lugar a uma forte afirmação de identidade religiosa católica.

A terceira fase: os jazigos-capela de influência art déco com revestimento em cirex

Essa fase ocorre aproximadamente entre 1950 e estende-se até 1970, correspondendo a um novo modelo, que se caracteriza por abandonar o padrão clássico, na medida em que o frontão perde aspecto de frontão greco-romano, de templo ou estela clássica, e adota outros conceitos para sua edificação funerária, no qual a nova tendência passa a apresentar o jazigo-capela, como se fosse uma miniatura de uma igreja, que representava ao mesmo tempo a projeção de uma “casa da família” no além-túmulo, de modo que esta ambiguidade (“igreja” vs. “casa da família”) se faz presente na forma como cada monumento expressa as atitudes e pensamentos próprios de cada família. A. Motta, com referência a construções de miniaturas de igrejas nos cemitérios, observa:

Quanto menor era a inspiração religiosa em seu traçado arquitetônico maior semelhança do jazigo de família com o espaço doméstico de seus proprietários, e vice-versa. Em muitos casos, a depender do grau de religiosidade da família, o que se observará é uma verdadeira transposição da igreja ou catedral – em sua forma miniaturizada – para dentro dos cemitérios. (Motta, 2009, p. 134).

Assim ocorreu em São Martins. Há uma avenida de jazigos em forma de capelas miniaturizadas (Fig. 3), em que predomina a repetição do estilo arquitetônico, basicamente em série. O padrão regular destas construções tumulares reflete-se na calculada repetição dos nichos, sempre em número de três, dispostos de forma padronizada, dois flanqueando a porta e um acima. Estes nichos tinham por função abrigar a imagem sacra de Cristo, de Nossa Senhora ou do santo da família do morto – ou a preferência do próprio inumado. Via de regra, o nicho acima da porta, levemente maior do que o par inferior, acolhia a imagem de Cristo ou do santo que recebia a devoção familiar. Já os nichos laterais eram destinados a receber imagens de santos, principalmente quando Cristo era colocado no nicho superior, mas muitas vezes podiam receber outros usos. As diversas imagens de santos encontradas nesses pequenos nichos reforçam a multiplicidade de devoção das famílias, que assim pediam uma continuidade da proteção destes santos após a morte. Do ponto de vista estilístico, outra particularidade dos jazigos-capela de São Martins é o formato em arcada gótica destes nichos (Fig. 8). Além do depósito das imagens de santos, ocorrem variações, como deposição de vasos, feitos de

terracota, louça ou mesmo delicado biscuit, destinados ao depósito de oferendas em forma de flores, naturais, plásticas ou de pano.

Do mesmo modo como nos túmulos da segunda fase, os jazigos-capela da terceira fase, localizados na alameda central, apresentam todos, em seu topo, uma cruz. A diferença com relação à segunda fase está no material: antes produzidas em ferro, passam agora a ser confeccionadas em cimento, seguindo uma tendência construtiva da época, principalmente combinadas aos monumentos revestidos com cirex. Tendem a ser mais simples do que aquelas usadas na segunda fase, uma vez que o uso do metal permitia maior variabilidade ornamental (Fig. 7).

Apesar da aparente homogeneidade do conjunto, alguns jazigos-capela podem apresentar variações e peculiaridades. Em um deles, o ângulo de sua fachada frontal é caracterizado pela concavidade, fugindo do arquétipo predominante nesse espaço, que até então era a fachada retilínea (Fig. 8). A datação dos monumentos com esta característica concentra-se na segunda metade da década de 1960, de modo que indica uma vontade de renovação nos anos finais desta fase construtiva.

Figura 7 - Jazigo-capela da família Chaves



Fotografia: Bastianello, 2017

Figura 8 - Jazigo-capela datado de 1969



Fotografia: Cerqueira, 2017

O exame atento de cada exemplar de sepultamento em alguns casos surpreende por seus detalhes. Em dois casos, sua singularidade é constatada nos nichos. O primeiro caso é um jazigo do início dos anos 1960, pertencente à família Chaves (Fig. 7), que apresenta em seu nicho superior uma estatueta cujo simbolismo é político e não religioso, remetendo à memória pública, indicando que estes monumentos podem incluir outras significações, apesar de que contenham de forma geral um sentido cristão. Neste caso, trata-se de identidade política:

trata-se de uma estatueta de gesso do ex-presidente da República, o gaúcho Getúlio Dornelles Vargas (Fig. 09), no nicho superior/principal da edificação, protegida por um vidro, bastante empoeirado.

Figura 9 - Detalhe do jazigo da família Chaves (Fig. 7), com estatueta de Getúlio Vargas



Fotografia: Cerqueira, 2017

Neste detalhe, a presença desta imagem é um forte indicio da filiação política do patriarca da família, apontando possivelmente a um alinhamento ao trabalhismo, corrente política que exerceu influência particularmente forte no Rio Grande do Sul, entre fins dos anos 1940 e inícios dos anos 1960. Ao mesmo tempo, indica um liame entre a identidade política trabalhista e a identidade regional gaúcha e, em particular, de fronteira, visto que apresenta a imagem emblemática de Getúlio sentado ao chão sobre dois degraus, que representam a entrada de sua casa na fazenda de São Borja, de botas e bombachas, segurando a cuia de chimarrão, com chaleira de água quente entre as pernas. Esta imagem de gesso foi feita em quantidade na época,¹⁵ sendo comum que os admiradores de Getúlio, que o viam como o "Pai

¹⁵ Estas estatuetas possuem em torno de 23/24 cm de altura, feitas de "gesso policromado artesanalmente [...] sem marcas de manufatura", conforme o leiloeiro Félix Conrado, site CONRADO LEILOEIRO, Lote 479, Rio de Janeiro, 27/09/2017. Fonte: <http://www.conradoleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=3152792> (extraído em 13 de janeiro de 2019).

do Povo”, a conservassem em suas casas.¹⁶

Neste túmulo, a imagem de significado político está acima das imagens religiosas de santos, visto que estas estão colocadas nos nichos laterais. De certo modo, há uma transgressão da ortodoxia religiosa e, ao mesmo tempo, uma divinização da memória política de Getúlio, o que é revelador do imaginário da época da figura ainda presente, anos após sua morte, do “Pai dos Pobres”. O potencial de análise deste monumento funerário extrapola o escopo deste texto, com a combinação entre a imagem de Getúlio, seus significados e relações com a memória política e identidade regional, com os santos dispostos nos nichos menores, a identificação da família e patriarca, possíveis abordagens prosopográficas que deem conta de suas ligações com Getúlio e com o trabalhismo – enfim, demanda um estudo verticalizado específico.¹⁷

Em um segundo jazigo-capela a se destacar, ficamos admirados em razão dos vasos funerários depositados nos nichos que flanqueiam a porta de entrada do jazigo (Fig. 10). São vasos em terracota expressamente confeccionados para fins funerários, como evidencia sua iconografia em relevo, com uma cruz, entre duas folhas de palma, símbolos do catolicismo.

¹⁶ Na crônica “A última frase de Getúlio”, o jornalista Sérgio Rubim, em seu blog Canga, descreve a admiração de seu pai, natural de Uruguaiana, ao qual se refere como “guarda Rubim”, por Getúlio Vargas, razão pela qual conservou por muitos anos sobre a geladeira da casa uma destas estatuetas de gesso, do mesmo modo como, na parede, mantinha um quadro com a conhecida foto de Getúlio sentado em uma rede em sua fazenda em São Borja. Na publicação, disponibiliza uma fotografia com boa definição da estatueta de seu pai, em bom estado de conservação. Fonte: <https://cangarubim.blogspot.com/2014/05/a-ultima-frase-de-getulio-vargas.html> (extraído em 13 de janeiro de 2019).

¹⁷ Os autores não obtiveram êxito em suas buscas iniciais com relação à identificação dos sepultados na fase inicial de uso deste jazigo-capela. Na parede posterior do monumento, encontram-se, na base, duas lápides em granito negro polido, que informam nomes e datas de nascimento e morte, de um homem e de uma mulher. Mais à direita está a lápide com datação mais recuada, e letras em metal mais desgastadas pelo tempo. Nela foi fixada uma fotografia impressa na louça de uma senhora, chamada IDALVINA C CHAVES, nascida em 1903 e falecida em 1963. À esquerda, uma lápide duas décadas mais recente, com a fotografia de um senhor, nascido em 1901 e falecido em 1985, de nome [BE]L[L]ARMINO (?) VAZ CHAVES (deduzimos ser Bellarmino, mas infelizmente três dos caracteres em metal foram perdidos, permanecendo incerteza sobre seu nome). A nossa hipótese inicial seria de que Bellarmino (?) e Idalvina formava um casal, ele tendo ficado viúvo dela em 1963, e vindo a falecer 22 anos mais tarde. Assim, o jazigo teria recebido seu sepultamento inaugural em 1963, com o enterramento de Idalvina, possível razão para não apresentar as iniciais do patriarca na fachada, visto que ainda se encontrava vivo. Fica a dúvida de em que momento a imagem de Getúlio teria sido colocada, no sepultamento de Idalvina ou de seu viúvo (?) Bellarmino. As últimas fotografias do monumento, tomadas por Renata Bastianello e Ivaine Tonini em 13 de janeiro de 2019, indicaram a ocorrência de um sepultamento muito recente, com acréscimo de nova lápide de granito, porém ainda sem inscrições identificatórias. Com as informações de que dispomos no momento, não podemos avançar na análise das relações entre os sepultados e a figura de Getúlio.

Figura 10 - Detalhe de jazigo-capela em cirex rosa, evidenciando nicho e vaso funerário



Fotografia: Bastianello, 2012

Para entendimento do relevo desse vaso do CSM, citamos as palavras de M.E. Borges (2002, p. 300):

Para os romanos: símbolo de vitória; para os cristãos: símbolo de glorificação celestial, representa o triunfo dos mártires sobre a morte. Quando Cristo segura um ramo de palmeira significa seu triunfo sobre o pecado e a morte. Na arte funerária, é comum a palma aparecer junto com outros elementos, como a cruz e a âncora.

Esses jazigos-capela podem ser entendidos como espaços de recolhimento e de meditação para os familiares do morto, já que estas capelas em seu interior apresentam altares. A abertura para depositar o caixão no interior da sepultura era na parte posterior da edificação, de modo que, para localizar as lápides originais não basta olhar a fachada principal do monumento – recomenda-se observar as lápides e inscrições presentes na parte posterior da edificação tumular. Os jazigos-capela destinavam-se ao sepultamento do núcleo familiar,¹⁸ com respectivas inscrições lapidárias que indicam o nome, a data de nascimento e morte

¹⁸ Para A. Motta (2009, p. 120), um túmulo de família, na sua maioria, era orientado pelo princípio de filiação, podendo nele se reunir os ascendentes e os descendentes (pai, mãe, filhos, avô e netos). A depender do caso, é possível encontrar alguns afins ou aliados, sem relação aparente de sobrenomes.

do morto, destacando-se a lápide do patriarca dessa família.¹⁹ Geralmente são cultuadas as fotografias de seus mortos, impressas em medalhões de louça, adornados de guirlandas de plástico, combinados a vasos, porta-retratos, imagens dos santos que a família aprecia e até flores de lata (guirlandas),²⁰ que se banalizaram ao serem substituídas pelas de plástico, que ao mesmo tempo era mais baratas e representava algo mais moderno.

O significado do jazigo-capela se plenifica no momento em que o patriarca do túmulo consegue reunir na sepultura os membros de sua família. De certa forma, transfere-se para o cemitério, por intermédio do túmulo, a unidade familiar, projetada para o post mortem. Assim, esses jazigos-capela, repletos de altares e adornos que servem para meditar e rememorar seus mortos, repetem-se, um após outro, edificadas ao longo de duas décadas, como se fossem construídos em série, contribuindo para dar mais força a este espaço póstumo. Esta homogeneidade que prevalece é própria de um cemitério relacionado aos grupos remediados – populares com situação estável e uma classe média mais humilde. Populares, mas com autoestima social consolidada. A contemporaneidade entre os jazigos-capela em cirex e a força da ideologia política trabalhista no Brasil, notadamente no Rio Grande do Sul, entre fins dos anos 1940 e inícios dos 1960, indica o quanto um cemitério com administração pública pode revelar outra ideologia da morte, distinta daquela presente na Primeira Divisão do CSCCB, na qual predomina o sentido de hierarquia social, aristocrática e burguesa, plena de simbolismos que afirmam o status elitário – político, econômico e cultural – das famílias que dispõem de recursos para enterrar seus falecidos neste cemitério. A homogeneidade da alameda de jazigos-capela do São Martins, erigidos nos anos 1950 a 1970, ainda não apresenta o tratamento próprio dos mortos de uma sociedade de massas, pois, mesmo populares, suas famílias estão individuadas em túmulos próprios, com destaque à figura do patriarca como identificador do túmulo por meio de suas iniciais.

A quarta fase: as gavetas e a sociedade de massas

A prática de enterramentos em túmulos-capela ou em túmulos individualizantes no chão perde espaço em nossos dias, sem dúvida devido ao seu valor monetário, mas não somente por esta razão. Preservam-se em cidades de pequeno porte ou em cemitérios rurais, áreas menos afetadas às idiosincrasias da vida urbana atual. Em algumas cidades, desde a década de 1990, enterramentos no chão ressurgem como alternativa, em necrópoles divulgadas como modernas e inspiradas em modelos norte-americanos, muitas vezes sob a denominação de “Jardim da Paz” (tradução da denominação alemã Friedhof). Essas necrópoles novas e

¹⁹ Na sua tese, Elisiana Trilha Castro (2013, p. 89) estabelece relação entre casa e túmulo como moradia da família: “Com a criação dos cemitérios foi possível eternizar a família em túmulos como faziam em suas próprias casas. É o cemitério, então, que permitiu por meio dos túmulos, o surgimento de mais um bem de família. Na concepção de seu espaço, eles deveriam ser lugares aprazíveis à visita, além de guardar os entes queridos, e ser mais do que um lugar de sepultamento”.

²⁰ Ainda é possível encontrar guirlandas feitas de biscuit em alguns túmulos-capela no CSCCB. Estas foram sendo substituídas por outras mais simples, de lata. Já o CSM apresenta uma variedade de guirlandas confeccionadas em material mais barato. A lata e as guirlandas contêm uma variedade de modelos e cores, demonstrando o gosto popular.

espaçosas propõem o enterramento diretamente no solo. Contudo, a verticalização cemiterial foi a tendência arquitetônica predominante desde o último terço do século XX, mesmo que sua origem recue ao início do século, em 1909, quando, em Porto Alegre, foi inaugurado o Cemitério Archanjo São Miguel e Almas, primeiro cemitério vertical na América Latina. Desde o início dos anos 2000, porém, observamos a preferência progressiva pela cremação, que aos poucos parece estar levando a um desinteresse pelo investimento nas catacumbas.

A necrópole é a cidade dos mortos, cuja forma reflete a cidade dos vivos. A cada dia, os cemitérios passam por mudanças radicais, acompanhando as tendências da malha urbana. Assim, verticalizaram-se, adotando soluções mais econômicas para atender à demanda de novos sepultamentos.

Em São Martins, a maioria dos túmulos pertence ainda a famílias que são proprietárias dos espaços perpétuos, mas há edificações tumulares mais recentes, em que se sepultam os mortos em lóculos individualizantes, as gavetas, em que o morto é uma unidade em uma massa (no caso, pequena). As gavetas são, ainda, uma minoria dos sepulcros deste cemitério, localizadas junto à entrada, mas tendem a se expandir com o tempo. O tamanho diminuto das gavetas, o corte irregular da pedra ou o reaproveitamento improvisado de lápides antigas ou, simplesmente, o uso de tampas de cimento, sobre as quais se risca em escrita irregular um prenome ou apelido, endossam que o uso destas gavetas se dê, no presente, por famílias de poucas posses.

As gavetas, em um setor erguido na última década, desprovidas de ornamentação e em muitos casos bastante descuidadas, não dialogam com as diferentes fases precedentes da morfologia funerária existente neste cemitério. Marcam uma ruptura, ao passo que nas fases anteriores, constatamos, as mudanças morfológicas ocorrem de forma mais cadenciada. Essas gavetas são o modo mais banalizado para os sepultamentos desde o último quartel do século XX. São a forma popular e mais econômica que espelha a sociedade de massas, de um mundo em que se dissolvem os laços de solidariedade familiar tradicionais. Ora, reunir o núcleo familiar em um túmulo coletivo ou num jazigo-capela parece parte de um passado, ainda que recente.

Na hipermodernidade (Lipovetsky e Charles, 2004)²¹, até as gavetas transformam-se pouco a pouco em uma alternativa obsoleta, ainda que de um passado próximo, pois a cremação – tradição heroica que remonta à Antiguidade grega – ganha ares de modernidade, sendo cada vez mais solicitada em vida, por agradar a uma lógica de vida moderna (higiênica, rápida, não ocupa espaço, não precisa ser administrada pela posteridade, etc.). Talvez por seus elevados custos e tendência à “gourmetização”, não parece exercer muito apelo sobre grupos populares, para os quais as gavetas seguem sendo uma opção mais viável.

José Luiz de Souza Maranhão (1992, p. 18) destaca, acerca da cremação, “que esta prática representa, igualmente, a abolição oficial das peregrinações ao cemitério, do culto às

²¹ O conceito de “hipermodernidade”, forjado na década de 1970, ganhou novo impulso com a obra de Gilles Lipovetsky e Charles Sébastien, *Os tempos hipermodernos* (2004), visando a caracterizar a exacerbação da modernidade nos tempos atuais, que teria se sucedido ao “pós-moderno” (anos 70 e 80), caracterizada pelo excesso, pelo efêmero e por mudanças em ritmo esquizofrênico. Está relacionada a uma radicalização da lógica individualista impulsionada por um hiperconsumismo frenético, trazendo uma relação com o tempo em que tudo é urgente e intenso. O cenário da “hipermodernidade” provoca reelaborações na relação com a morte, que se expressa por exemplo na preferência crescente pela cremação.

sepulturas, dos epitáfios, do retrato esmaltado. E, por assim dizer, da própria morte”. Nesse âmbito, a cremação pode ser considerada uma espécie de finitude do ser, do indivíduo (de sua matéria), e contém a possibilidade de fim dos cemitérios, das necrópoles sob a forma como conhecemos esta instituição do mundo moderno.

Considerações Finais

Estudar o Cemitério de São Martins é gratificante, pela oportunidade de contribuir para a valorização deste conjunto funerário, seja do ponto de vista historiográfico ou patrimonial. Assim, colaboramos para reverter a invisibilidade à qual são condenados os grupos subalternos da sociedade. No que se refere aos estudos cimiteriais, a tendência é dedicar maior atenção aos cemitérios em que estão enterrados indivíduos e famílias provenientes das elites, devido à riqueza artística e de materiais nobres empregados, de maneira a reforçar involuntariamente o apagamento da memória dos setores populares, potencializando sua invisibilidade historiográfica. Neste sentido, o estudo do São Martins também contribui para reverter a invisibilidade a que, com frequência, os negros são relegados nesses estudos.

No São Martins são encontradas inúmeras sepulturas de negros, identificáveis pelas fotografias, impressas na louça e cuidadosamente colocadas nas lápides ou na fachada dos monumentos. Alguns jazigos, ainda bem conservados, têm servido de morada dos restos de uma mesma família ao longo de gerações, evidenciando a valorização, por parte dos vivos, da continuidade do núcleo familiar na cidade dos mortos.

É o caso do jazigo caiado, cuja morfologia remete à segunda fase (anos 1930 – 1940), pertencente à família Machado. A fotografia feita em abril de 2017 revela, ainda, os cuidados para o dia de finados do ano anterior: a pintura a cal é recente e as flores artificiais foram recolocadas (Fig. 11). Na fachada do monumento, quatro sepultados estão individualizados por seus retratos fixados na porcelana. Duas lápides marmóreas, provavelmente mais antigas, são de difícil leitura. Uma das fotografias apresenta a data mais recuada de sepultamento: 1954. Trata-se de Albana Machado, nascida em 1861, ainda durante a escravatura, lembrada pelos filhos e familiares (Fig. 12). A ausência de menção ao marido sugere estatuto de viuvez. Dada a idade avançada de dona Albana em seu falecimento (93 anos), é possível que o senhor Machado, patriarca da família, tivesse falecido há alguns anos, assim inaugurando o monumento anteriormente à data de falecimento de Albana, o que é compatível com a morfologia do túmulo. As outras três fotografias representam possivelmente duas filhas e um filho de Albana, falecidos na década de 1980.

Figura 11 – Jazigo da Família Machado



Fotografia: Bastianello, 2017

Figura 12 - Retrato sobre louçaAlbana Machado (1861 – 1954)



Fotografia: Bastianello, 2017

Outro exemplo, a família Pinto, que continua a utilizar nos sepultamentos recentes o mesmo túmulo dos ancestrais, aí dispendo ao longo de algumas décadas fotos de seus falecidos, no entorno do retrato do casal ancestral, cuja foto está posicionada no topo de uma antiga lápide marmórea, protegida por uma vidraça repartida em quatro seções, dividida pela estrutura metálica que dificulta a visualização da foto do casal (Fig. 13).

Figura 13 - Túmulo da família Pinto



Fotografia: Bastianello, 2017

Algumas famílias de negros praticam enterramentos de seus familiares nestes monumentos desde o início do século XX. São fotografias elaboradas com esmero. Em alguns casos, quando a esposa “reencontra” seu falecido marido na morte, imprime-se sobre a louça uma composição de duas fotos, com ele mais jovem e ela mais velha, ou se coloca uma fotografia da época do casamento, ainda que os dois tenham falecido muitas décadas mais adiante. É o caso do casal Francisco Nunes Costa e Maria Eva dos Santos Costa, ele falecido em 2000, aos 71 anos, ela, em 2003, aos 70 anos (Fig. 14). No entanto, sobre seu túmulo decidiu-se fixar a memória do casal em sua juventude, no dia do enlace matrimonial, momento que funciona ao mesmo tempo como marco identitário familiar para os descendentes. Evidencia-se assim, por meio desses casos apresentados, o cuidado destas famílias de negros com a memória, e a autoestima destes, com frequência condenados ao esquecimento.

Figura 14 - Retrato fixado sobre louça do casal Francisco Nunes Costa (1929 – 2000) e Maria Eva dos Santos Costa (1933 – 2003)



Fotografia: Bastianello, 2017

Ao examinar com atenção essa necrópole da periferia urbana de Bagé, seja na sua visão de conjunto, seja na observação dos detalhes de cada túmulo, é possível indicar o que pode ser nomeado de uma ideologia da morte, uma vez que a simplicidade e o tratamento mais homogêneo, para além de resultado de condicionantes econômicas, retratam também outra percepção social, oposta ao espírito de emulação e competição por status próprio ao espaço elitário da Primeira Divisão do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé. A análise da cultura material funerária evidenciada nesta necrópole permitiu estabelecer uma cronologia, com períodos que apresentam características coerentes, baseados na combinação entre tipologia do monumento, escolha de materiais, simplicidade estética e homogeneidade estilística.

Um espaço desprovido de ordenamento cartesiano na distribuição de quadras e vias de circulação interna possui uma ordem na homogeneidade, sobretudo na fase dos jazigos-capela em cirex, que prevaleceu nas décadas de 1950 e 1960, combinando uma afirmação de identidade religiosa, a autoestima da unidade familiar popular e um sentido de meio termo, de simplicidade que, ainda que revelado diretamente em apenas um jazigo, revela a influência da ideologia política do trabalhismo, que reconfigura o valor do trabalhador e dos setores populares na cultura nacional.

Referências bibliográficas

BASTIANELLO, Elaine Maria Tonini. A memória retida na pedra. A história de Bagé inscrita nos monumentos funerários (1858-1950). Santa Maria: Pallotti, 2016. 224p.

BASTIANELLO, Elaine Maria Tonini. Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública, étnica e artefactual. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural), Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010. 169p. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/files/2016/11/Elaine-Bastianello.pdf>>. Acesso em 30/04/2017.

BORGES, Maria Elízia. Arte Funerária no Brasil (1890-1930). Ofício de Marmoristas Italianos em Ribeirão Preto. Belo Horizonte: C/Arte, 2002. 312p.

CASTRO, Elisiana Trilha. Aqui jaz uma morte: Atitudes fúnebres na trajetória da empresa funerária família Haas de Blumenau. Tese (Doutorado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. 399p. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/107130>>. Acesso em 30/04/2017.

CATROGA, Fernando. Recordar e comemorar: A raiz tanatológica dos ritos comemorativos. Mimesis Ciências Humanas. Bauru, SP, v. 23, n. 2, p. 13-47, 2002. Disponível em: <https://secure.usc.br/static/biblioteca/mimesis/mimesis_v23_n2_2002_art_01.pdf>. Acesso em 30/04/2017.

CERQUEIRA, Fábio Vergara & BASTIANELLO, Elaine Maria Tonini. Representações das etnias na cultura material funerária no Cemitério da Santa Casa de Caridade, Bagé-RS descendentes de portugueses, espanhóis e italianos). Dimensões. Vitória, ES, n. 28, p. 296-314, 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/4319/3379>>. Acesso em 30/04/2017.

CORREIA, Telma de Barros. Art déco e indústria. Brasil, décadas de 1930 e 1940. Anais do Museu Paulista. São Paulo, v. 16, n. 2, p. 47-104, jul.-./dez., 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v16n2/a03v16n2.pdf>>. Acesso em 30/04/2017.

FORTUNATO, Caroline. Patrimônio arquitetônico conta a história do 4º Distrito de Porto Alegre. Revista do ZAP. Online, 16/05/2011. Disponível em: <<https://revista.zapimoveis.com.br/patrimonio-arquitetonico-conta-a-historia-do-4-distrito-de-porto-alegre-3310052-sc/>>. Acesso em: 30/04/2017.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. Les Temps hypermodernes. Paris: Éditions Grasset, 2004. 125p.

LUCKOW, Daniele Behling. Arquitetura urbana e inventário: São Lourenço do Sul. -RS. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010. 81p. Disponível em: <http://prograu.ufpel.edu.br/uploads/biblioteca/danielebehling_luckow.pdf>. Acesso em 30/04/2017.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. O que é morte. 4º ed. São Paulo: Brasiliense, 1992. 77p.

MOTTA, Antônio. À flor da pedra. F: formas tumulares e processos sociais nos cemitérios

brasileiros. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 2009. 202p.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. Ecletismo na fronteira meridional do Brasil: 1870-1931. Tese (Doutorado em Patrimônio Cultural). Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007. 336p.

TINOCO, José Eduardo Lucena. Argamassa raspada: Simili-granito, pedra fingida e cirex. Boas Práticas da. Gestão de Restauro. Olinda, n. 2, p. 1-2, 2013. Disponível em: <<http://www.ct.ceci-br.org/ceci/br/publicacoes/96/653-argamassa-raspada-cirex-simili-granito.html>>. Acesso em: 30/04/2017.

VALLADARES, Clarival do Prado. Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros: Um estudo da arte cemiterial ocorrida no Brasil desde as sepulturas de igrejas e catacumbas de ordens e confrarias até as necrópoles secularizadas, realizado no período de 1960 a 1970. 3 volumes. Brasília: MEC, 1972. 1.487p.

Recebido em: 30 de setembro de 2018

Aprovado em: 02 de dezembro de 2018